



Cobertura de guerra, relações de gênero e jornalismo literário: um estudo sobre as mulheres jornalistas em “Correspondentes”

Bruna Emy Camargo¹

Universidade de Sorocaba

Resumo: Esta pesquisa busca contribuir para a compreensão da cobertura de guerra feita por mulheres por meio das narrativas de três jornalistas (Sandra Passarinho, Ilze Scamparini e Sônia Bridi) da TV Globo registradas no livro “Correspondentes: bastidores, histórias e aventuras de jornalistas brasileiros pelo mundo” (GLOBO, 2018). Partimos do contexto da cobertura de guerra na interface com o jornalismo literário e as relações de gênero. Com a análise de conteúdo (BARDIN, 2011), definimos quatro categorias que revelaram que as correspondentes mantiveram carreiras sólidas na TV Globo; realizaram uma cobertura de guerra cada; enfrentaram algumas dificuldades por serem mulheres, mas não em momentos relacionados à cobertura de guerra; e utilizaram elementos do jornalismo literário em suas narrativas.

Palavras-chave: Cobertura de guerra; Jornalismo literário; Relações de gênero; Análise de conteúdo; TV Globo.

1. Introdução

Esta pesquisa busca contribuir para a compreensão da cobertura de guerra feita por mulheres por meio das narrativas de jornalistas da TV Globo registradas no livro “Correspondentes: bastidores, histórias e aventuras de jornalistas brasileiros pelo mun-

¹ Mestranda em Comunicação e Cultura na Universidade de Sorocaba (Uniso). Bolsista Prosuc/Capes e integrante do Grupo de Pesquisa em Narrativas Midiáticas (Nami/Uniso/CNPq).
E-mail: brunaemy@globo.com

do” (GLOBO, 2018). Este trabalho integra um projeto de pesquisa com bolsa integral Prosuc/Capes em nível de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura da Universidade de Sorocaba (PPGCOM-Uniso).

Cada capítulo do livro a ser analisado é escrito por um correspondente internacional da TV Globo. Os profissionais contam as histórias de bastidores das coberturas que consideram mais marcantes e, nas páginas, códigos QR permitem que leitores conectados à internet acessem as matérias jornalísticas disponíveis no site da Memória Globo. Para este trabalho, o *corpus* consiste no relato de três jornalistas (Sandra Passarinho, Ilze Scamparini e Sônia Bridi), as únicas mulheres dentre os 20 depoimentos colhidos de correspondentes internacionais do livro.

Partimos do contexto da cobertura de guerra (KNIGHTELY, 1978) na interface com o jornalismo literário (BAK, 2017; LIMA, 2009) e as relações de gênero (LOMBARDI, 2018).

Seguindo o método da análise de conteúdo (BARDIN, 2011), os relatos serão estudados por meio de quatro categorias: 1) breve histórico da profissional; 2) coberturas de guerra realizadas; 3) eventuais facilidades ou dificuldades enfrentadas pelo fato de serem mulheres; e 4) preocupação (ou não) em desenvolver textos com elementos do jornalismo literário.

2. Cobertura de guerra, jornalismo literário e relações de gênero

Um repórter se diferencia de um correspondente uma vez que o primeiro pode ser um enviado para coberturas pontuais, mas o segundo instala-se no local. “A atuação do correspondente no exterior permite aos grandes jornais a construção de redes confiáveis de informantes locais a fim de fornecer uma matéria original e de se inscreverem numa lógica concorrencial”(LEAL-ADGHIRNI; PINSON; RUELLAN, 2016, p. 12).

Em relação a correspondentes de guerra, acredita-se que a cobertura começou no século XIX com William Howard Russel, quando enviado pelo “*The Times*” londrino para a Guerra da Crimeia. Até então, a imprensa inglesa se baseava em informações adquiridas por jornais estrangeiros ou enviadas por membros do exército para noticiar o conflito. Ter um repórter em campo “foi um imenso salto na história do jornalismo” (KNIGHTELY, 1978, p. 8).

Russel causou impacto; buscou dar o panorama geral da guerra sem o olhar enviesado dos soldados e revelou os problemas enfrentados pelo exército britânico. Segundo Knightely (1978), tamanho foi o sucesso da empreitada que, no conflito seguinte, na Guerra Civil Norte-Americana, pelo menos 500 jornalistas participaram da cobertura.

Assim como no século XIX desenvolveu-se a cobertura de guerra, “vários países estavam desenvolvendo tradições jornalísticas que identificamos atualmente como Jornalismo Literário ou reportagem literária” (BAK, 2017, p. 231). Esse alinhamento temporal não é coincidência:

O retrato emergente de um Jornalismo Literário internacional mostra que os jornalistas, na maioria das vezes, se tornam literários quando suas nações estão em guerra, seja com os outros ou internamente. Como um bálsamo, a qualidade literária da escrita alivia a dor infligida pelos fatos jornalísticos entregues na peça ou no despacho, com o Jornalismo Literário emergindo como subproduto (BAK, 2017, p. 246).

Alguns nomes famosos da correspondência de guerra são Ernest Hemingway, George Orwell, Euclides da Cunha e José Hamilton Ribeiro, que desenvolveram jornalismo literário (CUNHA, 2016; KNIGHTELY, 1978; RIBEIRO, 2005).

Embora homens sejam mais lembrados porque “convencionalmente, a guerra é um espaço masculino” (LOMBARDI, 2018, p. 494), mulheres também deixaram um marco jornalístico, como Margaret Bourke-White, Martha Gellhorn e Marie Colvin. De acordo com Lombardi (2018, p. 497), ser uma jornalista mulher na guerra pode inclusive trazer benefícios para a cobertura:

Por exemplo, no Oriente Médio é mais fácil uma mulher ter acesso ao interior de uma casa ou a intimidade de uma família que um homem. Normativamente, a mulher produz menos desconfiança. Seu corpo não representa um corpo que ameaça, que assusta. O apelo feminino, a delicadeza e até mesmo a sensualidade podem favorecer o acesso das mulheres a locais mais restritos, embora o risco de assédio, de desrespeito e da violação do corpo seja iminente.

Assim, esta pesquisa, que objetiva contribuir para a compreensão da cobertura de guerra feita por mulheres, analisa, dentre as categorias que serão descritas a seguir, a condição feminina em campo e a presença do jornalismo literário nas narrativas.

3. Metodologia

Esta pesquisa segue os três passos da análise de conteúdo (BARDIN, 2011): a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

Para a pré-análise, o livro “Correspondentes: bastidores, histórias e aventuras de jornalistas brasileiros pelo mundo” (GLOBO, 2018) foi lido completamente para só depois, em uma segunda leitura, o olhar recair sobre os três relatos das mulheres correspondentes internacionais (Sandra Passarinho, Ilze Scamparini e Sônia Bridi). Assim, foi possível ter uma ideia das narrativas femininas em relação as masculinas.

O segundo passo, a exploração do material, deu-se com a leitura mais atenta dos três relatos selecionados, de modo a identificar categorias de análise do material. Foram elaboradas quatro: 1) breve histórico da profissional; 2) coberturas de guerra realizadas; 3) eventuais facilidades ou dificuldades enfrentadas pelo fato de serem mulheres; e 4) preocupação (ou não) em desenvolver textos com elementos do jornalismo literário.

Tabela 1 – Categorização

	Sandra Passarinho	Ilze Scamparini	Sônia Bridi
Breve histórico da profissional	Sandra Laukenickas (Rio de Janeiro, RJ, 14 de abril de 1950) começou na TV Globo em 1970, tornou-se editora do “Jornal Internacional” em 1972, foi a primeira correspondente em Londres em 1974, juntou-se a equipe do “Globo Repórter” em 1985 e, atualmente, é repórter especial da	Ilze Scamparini (Araras, SP, 26 de dezembro de 1958) começou no “Diário do Povo” e, em 1981, tornou-se repórter da sucursal em Campinas da TV Mulher. Em 1984, foi trabalhar no “Jornal Nacional” da TV Globo. Nas décadas de 1980 e 1990, atuou como repórter especial do	Sônia Bridi (Caçador, SC, 13 de novembro de 1963) começou como redatora na Rádio Barriga Verde e, quando contratada pela RBS, afiliada da Globo, tornou-se editora do “RBS Notícias”. Em 1989, começou no “Jornal Nacional”. Já foi correspondente em Londres (1995), Nova Iorque

	Globo no Rio.	“Globo Repórter”. Desde 1999 é correspondente em Roma.	(1995), Pequim (2005) e Paris (2007). Desde 2009 é repórter especial do “Fantástico”.
Coberturas de guerra realizadas	Revolução dos Cravos, Portugal (1974)	Navio de Refugiados, Costa da Líbia (2016)	Operação Chavín de Huántar, Peru (1997)
Eventuais facilidades ou dificuldades enfrentadas pelo fato de serem mulheres	Machismo na Espanha; Exposição na Turquia	-	Família; Alergia na França; Gorilas em Ruanda
Preocupação (ou não) em desenvolver textos com elementos do jornalismo literário	Sim; contém oito elementos do jornalismo literário	Sim; contém 10 elementos do jornalismo literário	Sim; contém 10 elementos do jornalismo literário

Fonte: Elaboração própria

O terceiro e último passo da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação, pode ser conferido no tópico a seguir.

4. Análise sobre as mulheres jornalistas em “Correspondentes”

De modo a facilitar a compreensão da análise, as categorias aplicadas foram divididas em diferentes tópicos de discussão.

4.1 Breve histórico da profissional

Para Sandra Laukenickas (Rio de Janeiro, RJ, 14 de abril de 1950), ser jornalista não estava nos planos. Descobriu a profissão por indicação de estágio de um amigo, após o fechamento de seu curso em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Em 1970, começou a carreira na Globo, onde ganhou o apelido de Pas-sarinho “por ser pequena e rápida” (GLOBO, 2018, p. 17).

Devido à bagagem cultural e ao domínio de outras línguas, Sandra tornou-se editora do “*Jornal Internacional*” e, “em 1974, foi convidada a inaugurar o posto de primeira correspondente da Globo na Europa, em Londres, onde permaneceu durante quase dez anos” (GLOBO, 2018, p. 18).

Sandra teve um período fora do jornalismo na década de 1980 para finalmente cursar Ciências Sociais, dessa vez na capital inglesa. No entanto, ela já estava de volta ao Rio de Janeiro em 1985 para integrar o “*Globo Repórter*”. Agora, a profissional atua como repórter especial da Globo no Rio.

No livro “Correspondentes”, Sandra descreve as coberturas da Revolução dos Cravos (1974), a morte de Franco, o Generalíssimo (1975), a inauguração do escritório da Globo em Londres (1974), a visita de Geisel a Londres (1976), as tensões entre Israel e Egito (1977), o bebê de profeta (1978), as viagens do papa João Paulo II (1979) e a viagem à Ásia (1980).

Já Ilze Scamparini (Araras, SP, 26 de dezembro de 1958) acredita que começou a ser correspondente internacional ainda criança, quando contava a histórias dos avós italianos. Conhecida como uma excelente aluna, cursou Comunicação Social na Pontifícia Universidade Católica (PUC) de Campinas e começou a carreira com um estágio no jornal “*Diário do Povo*”.

A jornalista trabalho como repórter na sucursal em Campinas da TV Mulher e, em 1984, foi contratada pela Globo para atuar no “*Jornal Nacional*”, no Rio de Janeiro. Pelo “*Globo Repórter*”, nas décadas de 1980 e 1990, teve a oportunidade de viajar o mundo. Porém, em 1999, o amor pela Itália a fez propor à Globo se tornar a primeira correspondente em Roma, local onde está desde então.

No livro “Correspondentes”, Ilze descreve as coberturas na Itália (1987-1992), na Fronteira México-Estados Unidos (1991), a entrevista com Mandela e Tutu (1996), os governos italianos (1999-2001), a Alemanha no século XXI (2006), a visita a Pripjat, a cidade fantasma da Ucrânia (2001), as manifestações populares na Grécia (2010), as experiências no Vaticano (1999-2016) e o acompanhamento de um navio de refugiados (2016).

Sônia Bridi (Caçador, SC, 13 de novembro de 1963) iniciou o curso de Filosofia na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) antes de mudar para o Jornalismo, quando contratada pela RBS, afiliada da Globo, após uma passagem pela Rádio Barriga Verde. A jornalista uniu o útil ao agradável, pois era apaixonada pela escrita e pelo meio ambiente, investindo em pautas sobre as mudanças climáticas.

Começou no “*Jornal Nacional*” em 1989 e, após cobrir a conferência Rio-92, passou a se dedicar ainda mais ao tema. “Ao lado do repórter cinematográfico Paulo Zero, esteve em todos os continentes da Terra, visitou extremos em séries de reportagens especiais para o “*Fantástico*”, como: ‘Terra, que tempo é esse?’ (2010); ‘Planeta Terra: lotação esgotada’ (2012); e ‘A jornada da vida’ (2014, 2016 e 2017)” (GLOBO, 2018, p. 303).

Como correspondente internacional, já integrou os escritórios de Londres, Nova Iorque, Pequim e Paris. Em 2009, tornou-se repórter especial do “*Fantástico*”, programa em que atua desde então.

No livro “Correspondentes”, Sônia descreve as coberturas da Operação Chavín de Huántar (1997), em Pequim (2004-2005), a queda do avião da Air France (2009), a subida ao Monte Kilimanjaro (2010), na África e na Ásia (2011), a entrevista com Edward Snowden (2014) e uma volta ao mundo (2014-2017).

4.2 Coberturas de guerra realizadas

Contabilizando apenas as coberturas de guerra relatadas no livro, cada jornalista esteve em um único conflito – Sandra Passarinho na Revolução dos Cravos (1974), Ilze Scamparini com os refugiados de países em guerra civil (2016) e Sônia Bridi na Operação Chavín de Huántar (1997).

A Revolução dos Cravos foi a primeira cobertura internacional de Sandra Passarinho, então com 24 anos. Editora do “*Jornal Internacional*”, ela foi convocada às pressas para cobrir o seguinte conflito português:

Em 25 de abril de 1974, um golpe conduzido pelas Forças Armadas derrubou o regime ditatorial de Portugal, conhecido como Estado Novo, instituído por António de Oliveira Salazar em 1933. Diante da pressão dos militares, que contavam com o apoio em massa da população, o primeiro-ministro Marcello Caetano, sucessor de Salazar, se rendeu. A revolução, que teve como símbolo uma flor, marcou o fim do fascismo, da censura e da opressão para o povo português (GLOBO, 2018, p. 19).

Ilze Scamparini foi convidada pela organização humanitária Médicos Sem Fronteiras para uma pauta que ela revelou querer fazer desde o início de sua vida de correspondente na Itália. “Em 2016, Ilze Scamparini e o repórter cinematográfico Maurizio Della Constanza embarcaram em um navio da ONG SOS Mediterranée para acompanhar o resgate de refugiados do norte da África e Ásia, no mar Mediterrâneo. A reportagem foi exibida no *Fantástico* em outubro daquele ano” (GLOBO, 2018, p. 271).

Por sua vez, Sônia Bridi cobriu a Operação Chavín de Huántar, no Peru:

Em 1997, Sônia Bridi e o repórter cinematográfico Paulo Zero foram enviados a Lima para cobrir o desfecho da Operação Chavín de Huántar. O Exército peruano retomara o controle da Embaixada japonesa, ocupada por guerrilheiros do Movimento Revolucionário Tupac Amaru (Mrta) havia 126 dias. A ação resultou na morte de catorze sequestradores e um refém. Semanas depois, a repórter conseguiu uma entrevista exclusiva com o então presidente peruano, Alberto Fujimori (GLOBO, 2018, p. 305).

Segundo a jornalista, o nome Chavín de Huántar “é uma referência a uma civilização pré-colombiana já extinta, que deixou no Peru ruínas de ocupações cheias de túneis” (BRIDI, 2018, p. 305). No caso, o Exército peruano havia feito um túnel sob a embaixada para a invasão.

4.3 Eventuais facilidades ou dificuldades enfrentadas pelo fato de serem mulheres

O relato de Sandra Passarinho possui uma passagem com problema e uma curiosidade durante a vida de correspondente por ser mulher, mas nenhuma delas durante a cobertura da Revolução dos Cravos.

Quando esteve na Espanha para a posse do rei Juan Carlos após a morte do ditador Francisco Franco, em 1975, Sandra sentiu como o chamado franquismo permeava a

cultura do país. Em um simples check-in de hotel, enquanto o cinegrafista aguardava sentado, ela foi abordada:

No balcão, o atendente se voltou para mim e perguntou: “Onde está o seu chefe? É aquele rapaz?”. E eu disse que não, que era eu mesma. Mas ele não aceitou a minha resposta e quis falar com o cinegrafista mesmo assim. Foi até o sofá para saber quantas noites iríamos ficar. Eu fui atrás dele, bati boca. O que era aquilo? Era o franquismo: o homem dando ordens a mulher, e a mulher não podia chefiar o homem, ela sempre vinha em segundo plano. [...] Isso era o franquismo, era o conservadorismo do comportamento social, a Igreja, os militares e os políticos de direita e extrema-direita no controle (PASSARINHO, 2018, p. 23 e 24).

O episódio foi-lhe marcante porque, segundo ela, houve “mais problemas como correspondente internacional por ser do Brasil, um país pobre que vivia uma ditadura militar, do que por ser mulher”(PASSARINHO, 2018, p. 24). Afinal, Sandra conta que muitas mulheres na Europa assumiam postos jornalísticos.

Houve ainda uma situação na Turquia, quando a correspondente esteve em Istambul pela primeira vez para acompanhar a visita do papa João Paulo II (1979).

Lembro que, quando fui gravar uma “passagem” em uma praça no centro histórico da cidade, havia uma multidão me olhando – composta apenas por homens. A Turquia é um país muçulmano, e enquanto a visibilidade masculina era total, a presença feminina era menos explícita naquela época. Havia muito mais homens do que mulheres nas ruas. As poucas mulheres que vi andavam cobertas (PASSARINHO, 2018, p. 33).

Já o relato de Ilze Scamparini não conta com nenhuma passagem que revele facilidade ou dificuldade enfrentadas nas coberturas jornalísticas pelo fato de ser mulher. Sua narrativa se atém muito mais aos fatos jornalísticos, deslizando para a subjetividade apenas quando o assunto era imigração, mas não dando espaço para a discussão sobre o feminino.

No relato de Sônia Bridi, embora não no texto com a cobertura de guerra, identificamos uma dificuldade e uma possível facilidade pelo fato de ser mulher, que serão descritas abaixo. Mas vale pontuar que algo mais que pode ser subentendido como uma dificuldade é sua relação com a família. Sônia menciona situações relacionadas a familiares por diversas vezes, como a decisão de se mudar para Pequim com o marido e cinegrafista Paulo Zero, os resfriados do filho Pedro na França e o cancelamento de um almoço com sogros para uma cobertura de última hora. Mesmo que a jornalista não ex-

plicite, fica claro que, para ela, manter a família como gostaria não foi fácil durante os anos de correspondente internacional.

No dia da queda do avião da Air France, que levava passageiros do Rio de Janeiro a Paris, Sônia estava de folga, mas correu para o aeroporto Charles de Gaulle, na capital francesa, para entrar ao vivo na TV Globo. Ela conta que não estava com roupas apropriadas nem maquiagem, então comprou alguns itens no local; o lápis de olho, no entanto, provocou-lhe uma reação alérgica. “Meu olho ficou inchado, vermelho, lacrimando. [...] Eu mal conseguia fazer foco no que estava lendo, quase não enxergava, parecia que tinha areia dentro dos olhos, piscar era doloroso” (BRIDI, 2018, p. 311).

Revela-se aí uma dificuldade porque, como repórter mulher, Sônia sentiu a necessidade – ou talvez ainda a obrigação, caso seja uma norma da empresa – de se maquiar antes de iniciar a cobertura. A maquiagem lhe causou a alergia e prejudicou sua visão. Trata-se de uma preocupação que, provavelmente, os repórteres homens não tenham.

Em Ruanda, a jornalista viveu um momento que pode não ter sido exatamente uma facilidade por ser mulher, mas no qual experimentou um sentimento natural e feminino. Na floresta, encontrou uma gorila fêmea amamentando seu bebê; esta não fugiu, não teve medo, apenas ficou observando o grupo de humanos. “Senti uma identidade incrível com aquela mãe, fazendo o que fiz tantas vezes ao amamentar meus filhos” (BRIDI, 2018, p. 316). Mais uma vez, as relações familiares enfatizadas pela jornalista voltam a aparecer.

4.4 Preocupação (ou não) em desenvolver textos com elementos do jornalismo literário

Nesta última categoria, preocupamo-nos em apontar se houve uso de elementos do jornalismo literário nos relatos sobre as coberturas de guerra das jornalistas Sandra Passarinho, Ilze Scamparini e Sônia Bridi. Para tanto, utilizamos como base os 10 elementos listados por Lima (2009).

Para “exatidão e precisão”, é preciso seguir o ideário do jornalismo convencional, que “deve informar, portando elementos da realidade que o tornam verossímil” (LIMA, 2009, p. 355). Segundo o autor, no jornalismo literário, isso se dá com mais criatividade e dinamismo.

Enquanto Lima (2009, p. 358) diz que o jornalismo convencional se esqueceu de “contar (uma) história”, “buscando estruturar seu discurso de um modo considerado por muito tempo lógico, racional e objetivo”, no literário valoriza-se a arte da narrativa

“Humanização” é o elemento com o qual “queremos antes de tudo descobrir o nosso semelhante em sua dimensão humana real, com suas virtudes e fraquezas, grandezas e limitações” (LIMA, 2009, p. 359).

Para a “compreensão”, Lima (2009, p. 366) traz explicação cuidadosa:

Compreender é diferente de explicar. A explicação adota geralmente uma visão unilateral, verticalizada, de cima para baixo, reducionista. Mostra o mundo sob uma ótica única ou de pouca abertura. Já a compreensão busca exibir o mundo sob perspectivas diversificadas. Mais do que isso, ilumina as conexões entre conteúdos aparentemente desconectados. Interliga dados, mostra sentidos, perspectivas. Faz, nos bons casos de jornalismo literário, com que o leitor perceba o que tem a ver, com sua própria vida, tudo aquilo que está lendo.

Na “universalização temática”, o ponto é não deixar com que o tema fique restrito a uma única editoria ou área de especialização. Segundo Lima (2009, p. 367), o jornalista literário “está em busca, em qualquer assunto, dos temas subjacentes que o tornam universal”. Para tanto, é preciso muita pesquisa e estudo.

“Estilo próprio e voz autoral” é uma qualidade que o autor considera indispensável, mas árdua de ser conquistada. “Ver o mundo com olhar diferenciado, liberto de condições limitadoras que empobrecem a visão, é condição desejável. Pois a singularidade individual do olhar do autor transmite a obra um toque de exclusividade que a diferencia, valorizando-a” (LIMA, 2009, p. 369).

A “imersão” é essencial no jornalismo literário. De acordo com Lima (2009, p. 373), “o autor precisa partir a campo, ver, sentir, cheirar, apalpar, ouvir os ambientes por onde circulam seus personagens. Precisa interagir com eles. Deve vivenciar parte da experiência de vida que eles vivem”.

Nem sempre os dados factuais bastam para a narrativa. Segundo o autor, o mundo é carregado de subjetividade e, por isso, a chance de utilizar o “simbolismo”. “O simbolismo ajuda a consolidar na mente do leitor a síntese, a imagem, o sentido de um acontecimento, pois se vale do discurso poético, do código visual” (LIMA, 2009, p. 379).

A “criatividade” é de complicada compreensão, uma vez que criar implica em gerar algo novo, mesmo que um jornalista seja o escritor da realidade, não podendo inventar fatos. Portanto, Lima (2009) pontua a imaginação e a associação. “Imaginar é ver, com os olhos da mente, possibilidades não antecipadas por outros” (LIMA, 2009, p. 384). Já associar é unir “conteúdos que normalmente não vemos mutuamente relacionados” (LIMA, 2009, p. 385).

Por fim, mas não menos importante, a “responsabilidade ética” propõe um pacto entre autor e leitor de que o que está sendo contado é uma verdade.

Cabe ao autor de jornalismo literário, então, mergulhar no seu assunto com o máximo de honestidade possível para apurar, pesquisar, investigar, comprovar situações. [...] não lhe interessa, em princípio, a verdade absoluta, isenta e imperial, pois essa, no nível dos seres humanos comuns (quase todos nós), não existe. O que lhe move é compreender um tema a partir das perspectivas dos personagens nele mergulhados (LIMA, 2009, p. 391 e 392).

Assim, esses 10 elementos do jornalismo literário foram buscados nos relatos de cobertura de guerra de Sandra Passarinho, Ilze Scamparini e Sônia Bridi e os resultados constam a seguir.

Tabela 2 – Elementos do jornalismo literário

	Sandra Passarinho	Ilze Scamparini	Sônia Bridi
Exatidão e precisão	X	X	X
Contar a história	X	X	X
Humanização	X	X	X
Compreensão	X	X	X
Universalização temática	X	X	X
Estilo próprio e voz autoral	X	X	X
Imersão	X	X	X
Simbolismo		X	X
Criatividade		X	X
Responsabilidade ética	X	X	X

Fonte: Elaboração própria

Partimos do entendimento que as três jornalistas utilizaram a “imersão”, pois estiveram em campo para a cobertura das guerras – quesito inerente ao correspondente.

Sandra Passarinho utilizou oito dos 10 elementos do jornalismo literário para seu relato sobre a cobertura da Revolução dos Cravos. “Exatidão e precisão”, “compreensão” e “responsabilidade ética” são identificados na sua busca insaciável por fontes que a situassem no conflito português. “Aquela revolução era um ninho com dados falsos, o que mais ouvíamos era boataria, e eu tinha que separar o fato do boato. Eu conversava com pessoas na rua, ouvia gente nos cafés, motoristas de táxi, os porteiros do hotel, pessoas de partidos políticos” (PASSARINHO, 2018, p. 20).

A jornalista “conta a história” com os detalhes desde quando ela estava na praia e recebeu o chamado da redação da Globo até quando a revolução acabou e ela se sentiu exausta, mas extasiada. Ainda é possível notar seu “estilo próprio e voz autoral” por contar as emoções que sentiu a cada situação que vivia.

A “humanização” e a “universalização temática” vêm pela relação que Sandra sentiu entre a revolução portuguesa e a ditadura militar brasileira – e que foi transmitida para sua matéria, que ela acredita que deveria ter sido menos parcial. “Só fui ter consciência do que era uma democracia durante aquela cobertura: o que é as pessoas poderem falar? Isso mudou completamente a minha visão” (PASSARINHO, 2018, p. 21).

Talvez por conta de ser uma estreante na correspondência internacional ou pela rapidez com que precisava reportar os fatos, Sandra não deixou traço de que tenha utilizado “simbolismo” e “criatividade”.

Para Ilze Scamparini, que utilizou todos os elementos do jornalismo literário, a “exatidão e precisão” é algo que reflete inclusive em seu “estilo próprio e voz autoral” – menos focado em subjetividade e mais no desenrolar dos fatos. No caso da cobertura do navio de refugiados na costa da Líbia, no entanto, diferente de outras passagens de seu capítulo, muitos sentimentos são descritos devido ao perigo iminente.

O “simbolismo” se destaca enquanto Ilze romantiza sobre a aventura prestes a embarcar, de modo a afastar o medo. Então, ela “conta a história” de seus dias no navio – escolha que implicou em “criatividade” de um novo ponto de vista – e permite a “compreensão” da realidade de refugiados a partir do momento em que são resgatados em alto mar. O choque ao encarar o sofrimento de quem foge da miséria da guerra faz

com que a “humanização” permeie o texto. “Eu via rostos fortes, sofridos e explorados até o desespero” (SCAMPARINI, 2018, p. 272).

A “universalização temática” fica implícita no texto, com a jornalista atenta as histórias das pessoas que estavam sendo resgatadas – mulheres, homens e crianças comuns, mas que fugiam de uma realidade cruel. “Passamos essa semana na costa da Líbia tentando conhecer a história daquelas pessoas, gravando imagens em todas as horas, ajudando se necessário” (SCAMPARINI, 2018, p. 274). A proposta fica mais clara quando se assiste o vídeo da reportagem que foi ao ar no “Fantástico”².

Ainda, a “responsabilidade ética” consta nessa busca por histórias dos refugiados, assim como nos porta-vozes das organizações responsáveis pelo salvamento e na atenção pelo que acontecia no navio. Ilze se mostra íntegra não só com o leitor, como também com a fonte: “Para enfrentar uma emergência como essa, fomos treinados de uma forma específica, que não pode ser revelada, e que nos fez entrar em pânico” (SCAMPARINI, 2018, p. 273).

Assim como Ilze, Sônia Bridi utilizou todos os elementos do jornalismo literário na cobertura da Operação Chavín de Huántar. “Exatidão e precisão” e “responsabilidade ética” já são destaque no começo, quando a jornalista se preocupa em explicar a situação e revela como fez para “contar a história”, já conversando com fontes dentro do avião que voava de Miami para Lima.

A “humanização” e a “compreensão” são vistas quando Sônia foca em indivíduos para contar como os guerrilheiros afetavam vidas; quando fala com uma senhora, diz que se trata de “uma história típica do drama latino-americano” (BRIDI, 2018, p. 306), o que leva a uma “universalização temática”.

O “estilo próprio e voz autoral” de Sônia fica claro quando ela faz uso do “simbolismo” para relatar momentos difíceis. “A costa do Peru é desértica e há sempre uma névoa seca pairando sobre a cidade de Lima. O sol é uma bola pálida no céu. Também não chove muito. Então, o cemitério fica entre as montanhas peladas e íngremes, e a periferia pobre e triste” (BRIDI, 2018, p. 305).

² Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/correspondentes/ilze-scamparini>. Acesso em: 20 jul. 2019.

Por fim, a “criatividade” está no modo como conseguiu entrevistar o então presidente peruano, Alberto Fujimori. “A figura do Fujimori era polêmica. E resolvi pedir uma entrevista com ele no palácio. Bati na porta e pedi, simples assim. A resposta foi positiva” (BRIDI, 2018, p. 306). Sônia passou um dia com ele e conseguiu fazer um perfil com uma entrevista exclusiva.

5. Considerações finais

Esta pesquisa teve como objetivo contribuir para a compreensão da cobertura de guerra feita por mulheres por meio das narrativas de jornalistas da TV Globo registradas no livro “Correspondentes: bastidores, histórias e aventuras de jornalistas brasileiros pelo mundo” (GLOBO, 2018). Com quatro categorias de análise baseadas no método de Bardin (2011), pudemos estudar o relato das jornalistas Sandra Passarinho, Ilze Scamparini e Sônia Bridi.

Por “breve histórico da profissional”, vimos que apenas Ilze sempre tivera a vontade de ser jornalista; Sandra queria estudar Ciências Sociais e, Sônia, Filosofia. As três construíram carreiras sólidas na TV Globo, emissora na qual passaram quase toda a vida profissional. Apenas Ilze continua correspondente; Sandra e Sônia mantêm base no Rio de Janeiro.

Em “coberturas de guerra realizadas”, cada uma das jornalistas teve apenas um relato no livro. Pelo que se verifica no site da Memória Globo³, foram, de fato, as únicas coberturas de guerra por elas realizadas. Poucas, se comparadas aos relatos dos colegas homens que estão no livro.

Na categoria “eventuais facilidades ou dificuldades enfrentadas pelo fato de serem mulheres”, nada encontramos nos relatos de coberturas de guerra. Porém, em outros textos dos capítulos de Sandra e Sônia, é possível identificar pontos como machismo na recepção de um hotel, estranhamento em um país muçulmano, preocupação em lidar com situações familiares, alergia devido ao uso de maquiagem e emoção por sentimento maternal.

Em “preocupação (ou não) em desenvolver textos com elementos do jornalismo literário”, verificamos que as três correspondentes fazem uso dos mesmos – Sandra de

³ Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/correspondentes/>. Acesso em: 21 jul. 2019.

oito e Ilze e Sônia de todos os 10. O resultado mostra como, de fato, a exposição a situações de conflito faz com que o jornalismo literário aflore nos autores.

Com este trabalho, acreditamos mostrar que a interface entre cobertura de guerra, relações de gênero e jornalismo literário é um campo fértil a ser explorado.

Referências

- BAK, J. S. Rumo a uma definição de jornalismo literário internacional. **Brazilian Journalism Research**, v. 13, n. 3, p. 230–255, 2017.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BRIDI, S. **Correspondentes**: bastidores, histórias e aventuras de jornalistas brasileiros pelo mundo. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2018.
- CUNHA, E. DA. **Os sertões**. Edição esp ed. São Paulo: Martin Claret, 2016.
- GLOBO, M. (ED.). **Correspondentes**: bastidores, histórias e aventuras de jornalistas brasileiros pelo mundo. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2018.
- KNIGHTELY, P. **A primeira vítima**: o correspondente de guerra como herói, propagandista e fabricante de mitos, da Crimeia ao Vietnã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.
- LEAL-ADGHIRNI, Z.; PINSON, G.; RUELLAN, D. Correspondantes internacionais: Introdução. **Sur le journalisme, About journalism, Sobre jornalismo [En ligne]**, v. 5, n. 1, p. 12–14, 2016.
- LIMA, E. P. **Páginas ampliadas**: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 5. ed. Barueri: Manole, 2009.
- LOMBARDI, K. H. Lee Miller, uma fotojornalista na linha de frente: reflexões sobre a atuação da mulher na cobertura de guerra. **Revista Observatório**, v. 4, n. 1, p. 492–516, 2018.
- PASSARINHO, S. **Correspondentes**: bastidores, histórias e aventuras de jornalistas brasileiros pelo mundo. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2018.
- RIBEIRO, J. H. **O gosto da guerra**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005.
- SCAMPARINI, I. **Correspondentes**: bastidores, histórias e aventuras de jornalistas brasileiros pelo mundo. Rio de Janeiro: Globo Livros, 2018.